



## Ataque partido das nuvens na batalha de Creta

O presente relato foi traduzido da revista alemã "DER ADLER" e corresponde às impressões de um paraquedista que participou da conquista de Corinto, na ilha de Creta.

Deixamos à meditação do leitor as conclusões e ensinamentos a colher desse genero de operações, embora com uma breve indicação a respeito. — **Ten.-Cel. Armando Pereira de Vasconcelos.**

### I

Em meados de maio, às primeiras horas da manhã, voavamos por sobre a paisagem prega. Era chegado o momento de atuar e porque anciavamos há quasi um ano. Desde a noite que nos tinha sido dada a ordem. Desta vez, nosso trabalho produzirá seus resultados. Todos estavam animados do mesmo espirito: "daquele instante em diante não haveria força humana capaz de fazer-nos retroceder".

No avião embarcaram 12 homens, constituindo um grupo de que cada membro conhecia perfeitamente sua missão ao pizar em terra; com isso teriamos assegurado o sucesso.

Na cabine viajavamos apertados porque o avião estava muito carregado. Tudo que era possivel levar foi previsto e estava junto de cada homem, especialmente munições, armas e provisões na perspectiva de poderem manter-se durante certo tempo, até que seja possivel a chegada das tropas do Exército.

O vôo constitue a ultima prova de nervos a que nos submetemos. A única distração que tínhamos no trajecto era a contemplação da magnifica paisagem sobre que passavamos. O ruido dos motores e a tensão do espirito não nos permitiam entreter qualquer palestra.

Cada um dos componentes do grupo transportado meditava sobre sua tarefa particular e deixava-se absorver pelo presentimento dos acontecimentos futuros. Os semblantes retratavam essa preocupação.

Nosso chefe, Tenente D, que será o primeiro a se lançar, dirigí-nos a sua palavra animadora e sincera.

Sempre que as condições de visibilidade o permitiam, contemplavamos o sólo. Belo espetáculo a sucessão de esquadrilhas de nossos bons Ju 52 dirigindo-se todas no mesmo rumo sobre o objetivo determinado.

Quando alcançavamos o mar já era dia.

"Faltam ainda 15 minutos!" Sentimos todos uma emoção única e indescritivel. Afinal chegamos. Ali adiante está o nosso objetivo — o canal de CORINTO !

Os paraquedistas são lançados e já lutam com o inimigo quando os aviões alemães começam a regressar às bases.

O nosso grupo, a sua vez, prepara-se para o salto, aguardando cada homem da maneira mais comoda a ordem de abandonar o aparelho. Em seguida se ouve a voz de comando: "Para a frente! Saltar!" O tom penetrante e incisivo dessa voz ficou gravado para sempre em cada um de nós.

Estavamos voando sobre a magnifica paisagem montanhosa do Peleponeso, ao S. do Canal.

O Ten. D, ainda uma vez se dirige para nós e repete alegremente "Avante!" A ordem é repetida em côro por doze vozes asperas. Com a perna esquerda no bordo da porta e os braços para o ar, uns lançam-se após outros.

Enquanto estou caindo, tento orientar-me. Voamos paralelamente ao Canal; ali adiante está a ponte. Desde que o paraquedas se abre a oportunidade de observar detidamente é muito curta. É preciso não esquecer que em baixo nos estão "esperando".

A Artilharia anti-aérea e as metralhadoras inglesas disparam incessantemente. Enquanto se está balanceando sobre a terra não é possível precisar as posições das peças.

Caio num grotão cercado de grandes pedras cuja aterrisagem não é das mais agradáveis. O choque foi brusco mas logo verifico que o local oferece bastante proteção. As balas silvam terrivelmente, dando a impressão de que o inimigo está nas suas proximidades. Desvencilho-me do paraquedas e apresto minhas armas. A Leika está intacta e preparada para "disparar" embora em 2ª. urgência. Protegendo-me bem, procuro orientar-me na orla do grotão. Preciso avançar até a primeira elevação para reunir-me a meus companheiros. Contemplo o céu e vejo aviões alemães por toda parte: por cima, por baixo e por entre os Ju de transporte identificam-se os caças e os aviões de assalto. Estes protegem nossa formação e atacam em vôo baixo, as posições inglesas e os ninhos de metralhadoras. E' uma ajuda importante e indispensável. De todos os lados descem paraquedistas que se dirigem para o lugar do combate.

À minha direita surge com volumosa estatura, o Ten. D, bradando: "Ao posto de comando! Marche!" A minha retaguarda, meus camaradas lutam mudando constantemente de posição, de abrigo em abrigo, mas atirando sempre. De instante a instante explode uma granada de mão. trava-se a luta corpo a corpo. Enquanto isto, o inglês se refaz da 1ª. surpresa e passa a oferecer a mais dura resistência em cada posição atacada.

Apesar das dificuldades vão sendo dominados graças a valentia e arrojo com que lutam os paraquedistas.

Dada a rapidez da ação, o inimigo é obrigado a aceitar a luta a pequena distância, podendo-se assim dominar sucessivamente seus nucleos de resistência.

E destarte, conseguimos atingir nosso objetivo:- a posição prevista para o posto de comando.

Nosso comandante, no entanto, ainda não havia chegado. Está ferido em um pé e vem transportado por dois padioleiros para junto de sua unidade, despreocupado de seu ferido

mento, afim de dar suas ordens para a continuação da luta. Vindos da direita, chegam os primeiros prisioneiros. "Levem-nos para o campo de prisioneiros!" foi a ordem recebida.

Tratava-se de ingleses, na maioria neozelandeses. Antes de marcharem são revistados e registrados. Seus semblantes revelam vestígios da cruenta luta travada. Pouco a pouco vae-se aumentando o grupo de prisioneiros feitos por toda parte, dos quais a maioria está ferida. Os enfermeiros alemães socorrem-nos enquanto não chegam os primeiros paraquedistas feridos. O hospital de sangue não ficou longe. Nele nossos médicos e enfermeiros, que saltaram conosco e participaram dos primeiros combates, já se prepararam para prestar seu importante e difícil mister. Os projéteis ingleses provocaram em parte ferimentos graves, mas as lesões apresentadas por nossos camaradas revelam a crueldade da luta corpo a corpo.

A esse tempo vou me aproximando na direção da ponte sobre o canal onde nossos pontoneiros, no último momento, impediram a sua destruição, preparada pelos ingleses.

Aí e nas entradas do Canal os ingleses entretêm uma luta muito aspera, graças aos seus núcleos de resistencia bem fortificados.

Pelo caminho deparamos vários camaradas feridos, a quem oferecemos agua, cigarros e socorro. Respondem negativamente, bradando: "Deixai-nos, sigam para a frente, os enfermeiros já chegarão; vós tereis que continuar lutando!"

Não se percebe uma queixa sequer, apesar de sofrerem dores atrozes. E' que têm a certeza de que tudo está preparado para minorar-lhes os sofrimentos.

De chofre, ouve-se uma formidável detonação partida da esquerda com grande abalo, elevando-se a seguir uma densa nuvem de fumo negro.

A ponte! conjeturô, embora sem querer acreditá-lo.

Continuo marchando para constatá-lo "de visu".

No primeiro promontorio alguns paraquedistas alemães fazem o possível para pôr em ação uma bateria inglesa. Em pouco tempo as peças estão dispostas para abrir fogo. Ac

lado fica um hospital para onde se transportam os feridos necessitados dos primeiros socorros.

Prosseguimos a marcha. Pouco depois cruza por nós um auto, que indaga onde fica o hospital.

Era um carro inglês conquistado que ia dirigido pelo Ten. H, Cmt. dos pontoneiros. Subi no estribo e fui guiá-lo ao hospital. Durante este curto e acidentado trajeto, inteirei-me em curtas frases do que ocorrera.

Os pontoneiros, atacando de surpresa, depois de uma dura luta, conseguiram desalojar os ingleses de suas posições a cavaleiro da ponte. Em seguida retiraram em tempo os petardos de destruição e os decompuseram. Parecia tudo bem sucedido. Não obstante, o destino é mais caprichoso. Inesperadamente, um tiro feliz da artilharia britânica explode entre os explosivos desconectados, acarretando graves consequências: voavam a ponte e os homens que a tinham conquistado !

Muito poucos conseguiram salvar-se, alguns dos quais sem embargo, gravemente feridos, necessitando assistência médica imediata.

Prontamente conduzimos os médicos e enfermeiros do Hospital até a ponte, ou melhor, ao lugar onde havia uma ponte e agora se havia transformado num precipício. Ao chegarmos encontramos muitos prisioneiros, alguns feridos e custodiados por uns poucos soldados alemães. A luta na ponte havia cessado. Os paraquedistas alemães fazem a limpeza em todas as direções, desde a parte setentrional.

Quanto a nós, cabe-nos continuar avançando para assegurar a estrada para CORINTO e ocupar o campo de aviação a SW. Pelo caminho encontramos varios carros, quasi todos caminhões, mais ou menos destruidos que se repararam momentaneamente e com correção.

No promontório vejo de repente um carro militar, que me parece utilizável. Tomo-o em seguida. As chaves do motor estavam no lugar. Depois de algumas tentativas vãs, o motor põe-se em marcha, mas não funciona com regularidade. Rumei assim mesmo para a estrada de CORINTO.

Nas valetas encontramos camaradas que pregaram armas inglesas anti-tanques que deverão seguir na vanguarda, sob as ordens do Cap. Sch, Cmt. da Secção, afim de enfrentar os pequenos tanques ingleses que irrompem de todos os lados

Comigo, trago no carro, alguns desses fuzis especiais, com munições também inglesas. . . Pouco mais adiante deparo com o posto de comando do Cap. Sch. onde faço uma curta parada. Ouvem-se ordens consisas para protejerem-se e abrir fogo contra um pequeno tanque que veio se aproximando. Não obstante, os movimentos do tanque não eram suspeitos e foi deixado de lado. Era uma preciosa presa que os paraquedistas alemães traziam para obsequiar seu Cap. embora com dificuldades.

Seguimos sem demora para CORINTO. A cidade deve se entregar rapidamente e sem derramento de sangue.

Os Stukas que sobrevoam a povoação estão de volta após haverem perseguido os ingleses em retirada, causando-lhes novas e pesadas perdas.

Pouco adeante alcançamos a vanguarda. Seu Cmt. Ten. R., senta-se a meu lado no carro.

Nos estribos sobem 3 paraquedistas armados com pistolas-metralhadoras e granadas de mão, prontos a fazerem fogo. Atraz vem o tanque aprisionado.

As primeiras casas da cidade parecem abandonadas e vazias, mas é preciso observá-las com cautela porque nos seus arredores ainda se ouvem disparos.

O Ten. R. dirige a ação com cuidado. Todas as medidas de seguranças imagináveis são tomadas.

Temos que achar o alcaide.

Como ?

Embaixo da ponte refugiam-se alguns civis assustadissimos. Aproximamo-nos de um deles e intentamos fazer-nos compreender.

Quer queira quer não terá que subir ao estribo para acompanhar-nos. "Para a frente" é a ordem. Um novo obstáculo se antepõe de repente ao nosso caminho, detendo vários carros em fila.

“Cuidado! O tanque passe para a frente!”.

Não se tratava de barricada preparada mas dos efeitos de uma bomba atirada matematicamente por nossos stukas.

Atingiu um tanque britânico que estava completamente estroçado.

Contornamos o obstáculo com facilidade para pouco diante nos determos de novo. Diante de nós surge uma rua com 2 entradas diante das quais pululam uniformes.

- Uma voz nos grita: “Venham até cá, rapazes!”.

Mas ninguém se movimenta. Chegou, pois o momento de intervir com granadas de mão! As pistolas-metralhadoras começam a matracar; foi o bastante. Depois de várias intimidações surge o primeiro uniforme. Eram gregos! Sem demora, faz-se evacuar a gruta. Dentre os refugiados ali ficaram alguns britânicos. A população civil está em constante sobresalto pela atuação dos Stukas. A simples enunciação desse nome é suficiente para fazê-la retroceder ao abrigo. Manifestaram-se muito agradecidos quando lhes asseguramos pela nossa presença que ia cessar o bombardeio.

Querem abraçar-nos, beijar-nos as mãos com tanta ansiedade que se nos torna difícil prosseguir o caminho e desencilhar-nos deles. Deparamos com um novo chefe que firma compreender-nos apesar dos esforços dispendidos nesse sentido. Parece tratar-se do chefe de polícia.

Conduz-nos através de ruas mortas, mas o nosso avanço ainda se faz prudentemente. Defronte de uma casa fechada, detivemo-nos alguns instantes. As portas foram abertas com facilidade, mas não havia ninguém. Fronteiro, fica o Fórum e a Cadeia num mesmo edifício. Os andares superiores estavam vazios. Entramos e fomos ao sótão. Ali amontoavam-se várias pessoas, parecendo civis. Intimamo-lhes que saíssem para a rua, ao que se negam, a princípio, por temerem às bombas. Depois de muita insistência, resolveram sair do refúgio. Por detrás deles aparecem homens uniformizados. Não soldados gregos e numerosos ingleses, numa promiscuidade de civis, policiais e soldados. Seus semblantes denotam angústia mas para nós são demasiado loquazes. Não os com-

preendemos, mas mesmo que o fosse, não havia tempo para nos inteirarmos de suas histórias.

Finalmente, o Ten. R. vai buscar o alcaide por sua iniciativa e o conduz no próprio carro à presença do Cel. St.

A mim interessa no momento o acantonamento da policia. E' provável que aí se encontrem alguns carros utilizados. Sem embargo, só havia polícias. Todos parecem dispostos a colaborar conosco. Em vão foi procurado seu chefe. Dentre os prisioneiros identificam-se 3 paraquedistas.

Ao voltarmos, ouvimos gritos dos gregos chamando-nos "Que há de novo?". "Há novo comandante para a cidade?"

Desço e vejo correr a meu encontro um conhecido camarada alemão, o interprete do destacamento.

Magnífico. E' um homem informante para as horas que se vão seguir. Os gregos ficam surpresendidos ao verificar que há alguém que conhece seu idioma. O nosso interprete é um arqueólogo que veio de avião e desceu num dos campos que ocupamos, tendo-se dirigido à pé para a cidade afim de apresentar-se ao comandante. Subimos ao automóvel e rumamos para o posto de comando.

Ao chegarmos junto ao Cel. St. o comandante informa-nos de que o alcaide havia negociado a entrega da cidade, o que se passará dentro de uma hora. No posto de comando já se pode colher uma impressão dos combates. Nossas unidades de paraquedistas, o grupo de combate Sturm, em poucas horas havia cumprido perfeitamente sua tarefa contra um inimigo muito superior em número e armamento. Desafortunadamente, graças a um golpe feliz do adversário a ponte ficou destruída, mas foi compensada por outra nova construída pelos paraquedistas na entrada do canal. Esse trabalho não deu rendimento satisfatório porque nos faltavam os meios e especialmente o material necessário. Não obstante está assegurada a passagem do canal por uma ponte nova a qual, na opinião de um oficial do Exército que chegou ao meio dia seguinte, bastará para permitir a passagem das primeiras tropas do Exército.



Nosso comandante, Cel. St., descreve-nos o desenrolar da luta. Está orgulhoso com o seu grupo de combate. Todos portaram como verdadeiros paraquedistas... Este seria um bom elogio que nos podia fazer! Vencemos o inimigo na cruenta das lutas corpo a corpo. Os combates certamente custaram grandes sacrifícios, mas mesmo assim foram bem sucedidos em vista do êxito alcançado. Fizeram-se 2.500 prisioneiros ingleses, exclusive mortos e feridos.

As tropas britânicas ao norte do Canal foram dispersas completamente. Agora correm desesperadamente para o sul do canal. Em consequência, o caminho ficou livre para o Exército que se achava muito ao N. na manhã em que esse grupo atuou. CORINTO estava tomada, livrando-se de destruição quasi inevitável. E' verdade que os gregos nos poderão agradecer este feito.

Ao S. do CORINTO prossegue o avanço.

Nosso comando dá o seguinte comunicado: "Missão rápida" dirigida ao comandante da frota aérea, General R., que havia chegado com outros generais para informar-se pessoalmente da luta.

A ação durou apenas horas que, sem embargo, parem-nos dias. Não houve ainda descanso. A despeito de tudo, ainda não chegaram as tropas do Exército de modo que nos temos que manter com nossos próprios meios as posições conquistadas.

Nosso comandante dá novas ordens para preparar o ataque seguinte com a mesma tranquilidade e confiança como foi feito durante a ação. Até o dia seguinte não é possível contar com qualquer auxílio.

"Não importa! balbucia nosso comandante, meus homens são suficientes!".

Cai a noite e com ela certa intranquilidade, apesar de saber que a nossa vanguarda está em contato com o inimigo. A gente deve estar prevenida para evitar surpresa. O dia é magnífico. Uma visita aos diferentes comandantes do grupo me proporciona uma idéia clara do que foram as lutas travadas. Muito se poderia dizer sobre isto e cada re-

lato corresponderia a repetição de um ato valoroso. O conjunto de ousadas lutas e heróicas ações travadas individualmente resultou no triunfo de nosso grupo de combate.

Uma unidade perfeita entre os combatentes, admiravelmente armada e instruída, foi apresentada aos ingleses numa batalha cujo desenrolar ressalta o ocorrido até agora nesta guerra.

A noite transcorre-se e uma nova ajuda nos é trazida. Incontestavelmente poucas vezes foi saudada tão cordialmente a tropa de um Exército, como os primeiros tanques e nossos paraquedistas.

Embora assim ficaram ligeiramente decepcionados com a constatação de que CORINTO já havia sido conquistada, chegará o momento de entregarmos ao Exército o domínio que tão duramente conseguimos em nossa zona de operações.

Atualmente só nutrimos um desejo, expresso por um jovem paraquedista, ligeiramente ferido, como interprete de todos:

“Oxalá esteja de novo integrando estas tropas quando Fuhrer e o marechal do Reich ordenarem a próxima ação dos paraquedistas!”.

Façanha analoga se passou em CANIA onde outro grupo conseguiu após 5 horas de assaltos sucessivos, na luta corpo a corpo, precedida de abordagem a granadas de mão, apoderar-se da posição e armas inimigas que com arrojo e habilidade se voltavam contra os seus, manejadas pelos paraquedistas.

## II

### O PROBLEMA QUE OS PARAQUEDISTAS CRIARÃO

#### Observações e conclusões gerais feitas pelo tradutor.

A falta de uma documentação básica oficial relativa aos acontecimentos que se processam no mundo com o conflito atual, não nos credencia suficientemente para abordar d

modo conclusivo os problemas novos que a guerra moderna trouxe tanto para o atacante como para o defensor. Queremos hoje advertir os camaradas, dentro estritamente da doutrina do ponto de vista de instrução do combatente moderno.

Façamos um ligeiro esboço sobre as características do combate com os paraquedistas para concluir sobre as qualidades a exigir de cada soldado seja paraquedistas como combatente.

### A — CARACTERÍSTICAS GERAIS DO COMBATE DOS PARAQUEDISTAS

Na chamada **batalha de Creta** tivemos um emprego todo particular e eficaz para as tropas de paraquedistas, verdadeiras vanguardas da Infantaria do ar.

Os paraquedistas são lançados sobre o objetivo designado em unidades completas, dispondo de todos os meios de vida e de combate adequados ao gênero das operações a empreender.

Sua organização já foi apresentada pelo Major Nilo Verreiro em A DEFESA NACIONAL.

Sua missão geral é assimilável à da Cavalaria e parece consistir, em princípio:

1.º — em se apoderar por seus próprios recursos de certos pontos sensíveis do equipamento das retaguardas inimigas em íntima cooperação com a aviação de assalto.

2.º — assegurar a posse dos campos de aviação conquistados criando uma zona de segurança capaz de permitir a livre utilização pelos aviões-transportes que deverão conduzir a Infantaria do ar.

3.º — ampliar a área ocupada de modo a assegurar o espaço necessário ao desdobramento das unidades transportadas de modo a interceptar as comunicações do adversário e estabelecer o contato com os núcleos de resistência organizados.

Concluída essa tarefa, está a missão das unidades de paraquedistas que devem ser recuperadas pelo comando de pois de substituídas pela Infantaria do ar de que foram segurança afastada, se assim podemos admitir numa assimilação das tarefas correspondentes às das tropas terrestres.

Nesse sentido, as operações dos paraquedistas se distinguem em 3 fases distintas:

- 1.<sup>a</sup>) — a da preparação;
- 2.<sup>a</sup>) — transporte aéreo e lançamento sobre o objetivo;
- 3.<sup>a</sup>) — o combate em terra.

A 1.<sup>a</sup> fase é normal e corresponde a preparação da missão.

Ela interessa a organização material, reunião do pessoal e carregamento do aparelho, revista e a transmissão das ordens aos executantes. Essas ordens são curtas, verbais e devem esclarecer o papel particular a ser desempenhado pelos paraquedistas na sua ação particular, uma vez em terra. Complementarmente eles recebem todas as informações referentes ao terreno de ação, situação relativa do 1.<sup>o</sup> objetivo a atingir e as possíveis resistências do inimigo na área de lançamento. Pela necessidade de um enquadramento mais severo e de ampla iniciativa no âmbito das unidades elementares, a célula dos paraquedistas — o grupo de combate — é comandado por um oficial. Em regra, o grupo de combate é transportado num único avião.

Ao Cmt. dos paraquedistas cumpre transportá-los para um local de estacionamento junto ao campo base. O Cmt. do grupo de combate identifica seu avião e prepara seu carregamento. Inicia-se a dessentralização.

A 2.<sup>a</sup> fase comporta o embarque e transporte da tropa.

Sua preparação e execução compete exclusivamente aeronáutica.

A 3.<sup>a</sup> fase inicia-se com o salto no espaço sobre a região do objetivo identificado do ar.

Durante a queda, os paraquedistas são inertes. Sua preocupação consiste em referir o ponto provável de queda com o ponto de reunião do grupo de combate, seu 1.<sup>o</sup> objetivo.

Sua segurança reside na ação massiça da aviação de assalto que se incumbe de neutralizar a área visada, atuando violentamente contra os órgãos de defesa terrestre da região interessada.



Uma vez posados em terra, inicia-se o combate individual, muitas vezes corpo a corpo.

Examinemos as causas no âmbito grupo de combate.

O seu Cmt. Ten., o 1.º a lançar-se no ar seguido dos seus homens, sendo provável sua chegada nessa mesma ordem.

Os homens do grupo caem dispersos numa área restrita, mas suficiente para dissociá-los no conjunto.

Por isto, ao se lançarem já tem a missão de se reunirem, a qualquer preço e por iniciativa, ao ponto de 1.º destino que é o futuro P.C. do Cmt. do grupo.

As ordens dadas são curtas e incisivas; devem regular esse 1.º resultado. Só então o Cmt. do grupo toma seu papel. Ele pois, como seus homens, empreende o combate individual e procura por lanços e rapidamente atingir o ponto de reunião.

A orientação é pois condição essencial.

No ponto de reunião todas as medidas de segurança são adotadas antes de prosseguirem no ataque a objetivos que serão indicados então.



Nesse lapso de tempo, o mesmo se está passando com as outras células de unidades de paraquedistas, inclusive a exploração dos recursos locais de toda espécie visando a utilização imediata de todos os meios favoráveis a rapidez de operação, devendo-se chegar celeremente por golpes de mão sucessivos a estabelecer uma frente de combate capaz de permitir a instalação dos diferentes órgãos de saúde, intendência, etc. que foram lançados simultaneamente. De início eles também foram combatentes para conquistar seu lugar em território inimigo.

E' de assinalar a importância que assume nessas operações, a tropa de engenharia (sapadores e pontoneiros)

bem como as equipes de especialistas (mecânicos de motores e de armamento) que integrando as vanguardas, tem o encargo de assegurar a posse das passagens próximas (pontes) e promover a recuperação imediata de armas e veículos, apreendidos ou danificados, e que constituem elementos imprescindíveis na ação.

Uma vez reunido o grupo, as operações prosseguem no mesmo ritmo acelerado, sempre com caráter local, bem como a limpeza da região conquistada com o duplo fim:

1.º) — garantir a posse do terreno ocupado pelos núcleos isolados;

2.º) — progredir sobre determinada direção para, conquistando os nós de comunicação ou de ligações do sistema de força adverso, ampliar o espaço de terreno em torno dos campos de aviação conquistados com o que darão a segurança necessária à instalação ou estacionamento dos órgãos terrestres desembarcados e que também chegaram pelo ar.

Da associação de direções e pontos designados aos G.C. de paraquedistas para conquistar e da rapidez com que são abafados os núcleos de resistência do inimigo, resultará o êxito da operação montada, somado ao efeito moral da surpresa pela atuação dos paraquedistas pela retaguarda.

Em conclusão: a ação dos paraquedistas, como a da Cavalaria, se manifesta em largas frentes, sobre direções bem definidas, com a missão caracteristicamente de segurança e de informação. Seus objetivos são: inicialmente os campos de aviação e as comunicações para em seguida atingir, numa área suficientemente larga, certos pontos importantes cuja posse resulta na cobertura de campos onde deverão desembarcar meios mais importantes; além disso devem precisar as resistências inimigas ao mesmo tempo que promover a desorganização do sistema de defesa adverso, durante o tempo necessário à intervenção daqueles meios desembarcados.

Desde que tenham conseguido o espaço necessário ao desdobramento desses elementos e que as resistências inimigas os detenham, sua missão cessa para ser continuada pelas unidades do Exército reunidas nos campos.

As características fundamentais de sua ação residem, pois, na **rapidez** e na ação isolada, em busca da surpresa que é o fator essencial do êxito. Ela deve ser conjugada com golpes de audácia e violência como exploração do êxito moral obtido pela ação massiva da aviação de assalto.

O resultado parcial de cada grupo de combate agindo sobre objetivos limitados e em direções coerentes constroem a vitória que se obtém com a dissociação integral do sistema defensivo adverso, na mais perfeita aplicação do princípio clássico da guerra:

“dividir para bater por partes”.

## B — QUALIDADES PECULIARES AOS PARAQUEDISTAS

A missão especial e altamente delicada que se atribui aos paraquedistas reclama dos candidatos a essas unidades qualidades excepcionais.

Além de uma formação moral adequada, deve o paraquedista ter sangue frio, iniciativa e presença de espírito para suportar, com coragem, domínio e confiança em si próprio, e convicção na causa comum, todas as vicissitudes das situações mais críticas e poder tirar o maior partido das oportunidades.

Tudo isso, se complementa em indivíduos selecionados, mediante uma instrução militar, individual e coletiva, aprimorada capaz de proporcionar-lhes:

- a) — **Grande, resistência e vigor físicos** para suportarem deslocamentos rápidos e prolongados que se executam normalmente a pé; o racionamento alimentar devido ao retardo dos reabastecimentos a enviar ulteriormente por via aérea; a luta corpo a corpo que é o seu modo corrente de combater; o transporte de uma carga individual considerável para permitir viver e combater durante alguns dias isoladamente, além das emoções do salto no espaço.



- o **senso da orientação e observação** em terreno desconhecido afim de poderem julgar do valor das resistências a dominar e sua localização relativa ao ponto de reunião marcado (1.º objetivo ao saltar em terra), que, normalmente, deve ser conquistado por golpes de mão sucessivos e em ações individuais.
- um **desenvolvido espírito ofensivo** afim de com poucos meios, poder dominar a superioridade inicial do adversário, agindo por golpes de surpresa e de audácia contra o sistema de defesa adverso, especialmente as comunicações, para reduzir, da retaguarda para a frente, os núcleos assim dissociados mediante a ação pessoal.
- um **adestramento perfeito no manejo das armas**, com especialidade no tiro de matar e a granada de mão.
- uma **instrução de combate individual e coletiva** completas que lhe deem a justa medida do aproveitamento do terreno e dos efeitos do fogo da aviação de assalto para poder chegar a distância do assalto de surpresa.
- uma **noção perfeita e inabalável do valor** que representa o trabalho individual no conjunto da missão a cumprir pela formação a que pertence, numa verdadeira compenetração da necessidade de uma completa divisão do trabalho.
- uma **perfeita solidariedade** durante a ação buscando os apoios recíprocos durante os combates individuais ou a utilização de todos os meios úteis do inimigo no sentido da rapidez das operações desde que pisa o terreno, encarando com prioridade a execução da missão.

### C — CONSEQUÊNCIAS PARA A DEFESA

Os atuais regulamentos preconizam, na eventualidade de uma reação eficaz contra os engenhos blindados, a organização em profundidade, tanto maior quanto maiores os perigos a que se exponha a posição, na frente e nos flancos.

No ambiente atual da guerra, agravado pela intervenção brutal da aviação de assalto, conjugada à ação dos paraquedistas, esses limites se puseram ainda mais em cheque pela massa dos efetivos em presença e uma nova direção a guardar, diametralmente oposta.

Não são mais os perigos da frente e dos flancos que preocupam, mas também os que se podem apresentar pelo ar e pela retaguarda.

Essa concepção sugere-nos como meio de defesa, a inspiração das antigas formações "em quadrado", a que se reduz o âmbito de ação das G.U. empenhadas. Elas devem ser aptas a se bater numa só posição contra o inimigo da frente, dos flancos, da retaguarda e do ar, de modo que : 1.<sup>a</sup> consequência será a sua capacidade de durar reduzida ainda mais.

Para a defesa contra o inimigo de frente e dos flancos as cousas não se modificam por enquanto: devemos persistir na doutrina que ainda é certa. Os novos meios parece que vão reagir apenas na organização e conseguintemente nos processos de execução das missões. E' cedo para adiantar idéias.

Para os perigos vindos do ar, porém é preciso meditar porque é matéria nova. O raio de ação da aviação moderna levar-nos-ia a idéia de profundidade a um exagero inadmissível. Como então resolver o problema?

A unidade tática de emprego ainda é a Divisão.

Então, a elas compete a organização dos setores de defesa com uma nova atribuição para o comando de cuidar de sua segurança a retaguarda contra a ação dos paraquedistas.

A noção de profundidade então vai repercutir provavelmente no escalonamento das G.U à retaguarda da posição designada para a defesa tendo um duplo fim :

1.<sup>o</sup>) — manter a integridade da posição seja pela manobra, seja pelo reforçamento, seja pela organização em profundidade para limitar as brechas por ventura abertas e facilitar os contra-ataques.

2.º) — atuar ofensivamente sobre a região dos campos de aviação conquistados pelos paraquedistas, realizando a limpeza da área ocupada com o fim de restabelecer as comunicações interceptadas.

Com isto, parece haver-se esboçado o campo das atribuições dos Chefes das G.U. empenhadas, as quais assumem nesse particular um caráter especial e um conceito novo.

Aos cmts. de divisões caberia por este raciocínio cuidar de sua missão essencial e ainda organizar a segurança e a defesa contra os paraquedistas. Pelos seus meios restritos e situação relativa a frente de batalha, a missão das G.U. em particular, parece que deve exigir-se à segurança imediata do seu dispositivo tendo em vista, na sua zona de ação em profundidade, deter a progressão dos núcleos isolados de paraquedistas contra suas comunicações e cobrir a região de reservas intervindo, se possível, desde que iniciem sua ação individual em terra. Destarte teriam, pelo menos, ganho o tempo necessário, a intervenção das tropas de choque acionadas pelo comando superior.

A retaguarda, no âmbito do comando superior, a defesa contra os paraquedistas assume um caráter dinâmico para o cumprimento da missão precípua: a interdição dos campos conquistados aos desembarques da Infantaria do ar para poder reconquistá-los em seguida e a redução dos núcleos de defesa das unidades de paraquedistas com a consequente limpeza da região atingida.

Daí o caráter territorial e local que assume essa defesa em toda a região sob a jurisdição do chefe superior, o qual coordenará as ações entre os seus diversos elementos fixos e móveis e por isso mesmo devem estar inteiramente solidários por um sistema de ligações e transmissões a parte.

As operações devem ter as mesmas características de que empreendem os paraquedistas a serem conduzidos de modo a restabelecer imediatamente a ordem na retaguarda, impedindo o pânico — papel do serviço de vigilância das estradas. Todos os órgãos interessados da região afetada devem poder agir por iniciativa e promover com os meios disponíveis

a defesa local. E' indubitável que essas operações terrestres só serão possíveis desde que contem com a coadjuvação da aviação acionada pelo chefe superior interessado, agindo em íntima cooperação com os elementos terrestres no acompanhamento do ataque e no restabelecimento da ligação com os elementos da frente.

Desse apressado esboço e concépção das operações a emprender contra os paraquedistas surge desde logo uma nova necessidade: a guarda das vias de comunicações e a dotação nos órgãos de serviço de guarnição aptas a sua defesa imediata contra os paraquedistas, pondo em relevo as medidas próprias à segurança imediata de cada arma e serviço bem como aos P. C. etc..

Por isso, faz-se mistér equipar os serviços de uma guarda ou escolta capás de atuar rapidamente contra a ação individual dos paraquedistas, dotar as vias de comunicações de uma guarda própria constituindo núcleos de força complementares ao sistema de vigilância da circulação que já conhecemos e promover a defesa imediata dos P. C., P. S., estações de reabastecimentos, posições de combate das forças empenhadas, etc., etc.. Para essas últimas, os meios serão os orgânicos. Além disso, é preciso escalonar os elementos de choque e de limpeza que intervirão contra nos núcleos de resistência organizados, para o que devem estar disponíveis na mão do chefe.

De tudo isso, surge uma nova exigência para o combatente moderno que, inclusive dos serviços, deve estar apto a combater na luta corpo a corpo e ter uma instrução de combate suficientemente desenvolvida para agir por iniciativa e suportar os rigores do combate aproximado. A par de uma perfeita noção do valor da organização do terreno, do efeito do fogo e dos meios de transmissão rápidos, devem ter um moral fortalecido pela consciência nacional e as qualidades especiais do guerrilheiro.

Nossa organização encara a constituição dos guardas territoriais com finalidades restritas que se precisam ampliar e adatar às novas exigências de guerra total, imprimindo-lhes

ma organização adequada com meios próprios. Dispomos das polícias militares como força militar organizada, dispomos de reservistas de 2.<sup>a</sup> categoria em número excedente, e em instrução objetiva, dispomos de centros industriais populosos, etc., etc. cujo aproveitamento se impõe na ação eventual dos paraquedistas a despeito de sua missão normal. Todos esses elementos foram arregimentados pelos ingleses, gregos e russos nesse sentido e com o resultado da experiência alheia. Por que não pensamos desde já em definir as tarefas e repartir os meios tendo em vista o momento supremo de mobilização ?

Por que não procuramos analisar os fatores de decisão, com o terreno, o inimigo provável, remoto ou imediato, com a definição das missões gerais e particulares e examinar os meios a utilizar numa verdadeira triagem entre as aptidões, funções e capacidade física para em seguida crear uma solução adequada ao nosso meio físico, geográfico e humano ?

Não nos falta capacidade nem discernimento. Portanto, avante !

Para a luta contra os paraquedistas o essencial é atacá-los e dissociá-los antes que se reunam em unidades constituídas e essa tarefa fica a cargo da iniciativa de cada guarnição ameaçada e de uma tropa de choque. Depois de neutralizados e localizados é facil completar o resto.

Lamentavelmente faltam-nos argumentos a apresentar com os documentos oficiais produzidos no atual conflito, incontestavelmente a melhor fonte de ensinamentos, mas nem por isso devemos furtar-nos à discussão dos problemas novos que justifica o nosso trabalho que tem essa finalidade exclusiva.

Seja como for, o nosso problema não afeta em nada os princípios básicos da defesa montada na concepção de que só o **fofo detem**. O que acabamos de constatar nos documentos examinados, embora com carater suspeito por se tratar de propaganda partidária e em outros mais, vem corroborar nossas conclusões porque variando os meios a empregar devem ipso facto variar também os processos de execução :

— o fogo vai ser produzido por engenhos de potencia-  
lidade e mobilidade maiores.

As preocupações de quem se defende, pois, devem vol-  
tar-se para a frente, para os flancos, para a retaguarda e para  
o ar de onde poderão surgir os perigos.

Preparemos, pois, como primeira etapa a instrução do  
nosso soldado nesse sentido e já teremos avançado qualque-  
r coisa de evolução.



**A Mais Completa Organização**

Para Banquetes,  
Casamentos, Lanches, etc.



**TEL. 42-3038**